

## SOBRE A HISTÓRIA DA MEMÓRIA DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: PASSAGENS (1979-1982)

Raphael Guilherme de Carvalho  
PGHIS/UFPR (doutorando)  
e-mail: raphaelguilherme83@gmail.com

**Resumo:** Este ensaio trata de algumas passagens em direção à construção da memória em torno do historiador Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Ela foi estabilizada principalmente entre 1970 e 1980, em um processo que compreende a consagração do autor ainda em vida até a institucionalização *post mortem* dessa memória. Observaremos deste período duas peças que denotam a continuidade entre a escrita de si do autor (1979) e as homenagens póstumas (1982) a ele rendidas.

**Palavras-chave:** Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982). Escrita de si. Memória.

## THE HISTORY OF THE MEMORY OF SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA: EXCERPTS (1979-1982)

**Abstract:** This essay deals with some excerpts that helped build the memory of historian Sergio Buarque de Holanda (1902-1982). This memory was stabilized mainly between 1970 and 1980, in a process that comprises the author's rise to fame while he was still alive up to the institutionalization after his death. In this period, there are two pieces of writing that show the continuity between the author's self-writing (1979) and the posthumous homage (1982) that was paid to him.

**Keywords:** Sérgio Buarque de Holanda. Self-writing. Memory

Um conselho é menos a resposta a uma demanda que sugestão a propósito da continuidade de uma história. Para transmiti-lo, é necessário antes de tudo narrar-se a si mesmo. Walter Benjamin é o autor desta reflexão, d'*O narrador*, texto de 1936. O ensaio assinalava então o declínio da faculdade de transmissão coletiva da experiência e a ruptura da arte de narrar com o domínio da palavra viva (BENJAMIN, 1991, p. 269).

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), discretamente narrou-se a si mesmo. Mais raras foram as vezes em que se deu publicamente ao aconselhamento de outrem. Ainda assim, do que se dispõe em termos de “escrita de si” não é desprezível; bem ao contrário, há o que se interrogar a respeito da matéria. Quando o fez, foi geralmente em tom de autocrítica, como é o caso de seus comentários a *Raízes do Brasil*, dos quais conhecemos bem as reservas quanto ao “homem cordial”, a quem declarou morto poucos anos depois.

Na presente ocasião, a questão maior fica por conta da suposição de um movimento de passagem entre a escrita de si e a construção social da memória do historiador, já francamente consagrado, entre os decênios de 1970 e 1980. Observaremos que algumas pontes se estendem entre os dois domínios. Essas pontes ligam as memórias pessoais a uma narrativa mais ampla, da história da memória em torno de seu nome, com vistas à transmissão de um legado para as gerações futuras.

Entre o si mesmo e os outros, há elemento intermediário de importância fundamental, os seus próximos: familiares, intelectuais amigos e discípulos. Esta relação entre o si mesmo, os próximos e os outros (de hoje e de amanhã) é sugerida pelo filósofo Paul Ricœur, quando analisa as trocas entre a memória viva dos indivíduos e a memória pública mobilizada pelas diversas comunidades de pertencimento. Mais que a polaridade entre memória individual e coletiva, a sugestão aparece, enfim, como possibilidade mais adequada de abordagem da memória pelas operações concretas da história (RICŒUR, 2000, p. 161-163).

Durante o decênio de 1970 viu-se avultarem os discursos de Buarque de Holanda em primeira pessoa, nas entrevistas, depoimentos, em alguns prefácios a livros de amigos, e principalmente com o ensaio autobiográfico que abre sua antologia de crítica de cultura, *Tentativas de Mitologia* (1979). Imagino duas hipóteses básicas para este desdobramento de si no período: a necessidade de reforço da posição política democrática diante do recrudescimento da ditadura e, em

simultâneo, a resposta às críticas que vinha recebendo de jovens historiadores empenhados na crítica ideológica da geração de 1930.

Na medida em que *Tentativas de Mitologia* comporta os artigos de polêmicas em que Buarque de Holanda se envolveu, precedidos de um ensaio com suas memórias, não é ilegítimo considerá-lo em sua unidade como uma forma de autobiografia intelectual. A “Apresentação”, particularmente, obedece aos critérios mais tradicionais do gênero autobiográfico, como a narrativa posta em coerência a *posteriori* (POPKIN, 2005: 11-32). Já o último texto da coletânea, “Depois da Semana”, está entre o testemunho pessoal e o esforço de historicização do modernismo. Por esse livro, o historiador foi agraciado com o troféu Juca Pato de “Intelectual do Ano”, promovido pela Associação Brasileira de Escritores (ABE). A propósito do livro, disse o historiador no discurso de recepção do prêmio:

“Tenho uma aguda consciência de minhas limitações pessoais como escritor e, confesso aqui, sem modéstia fingida, que hoje, na idade a que cheguei, o ato e o hábito de escrever me vão fugindo cada vez mais. Faltam-me a destreza e, não direi a facilidade de antigamente, porque esta nunca a tive, mas a boa disposição para, começando um trabalho novo, conduzi-lo até o fim [...]. Por isso mesmo, meus últimos livros impressos, a começar por *Tentativas de Mitologia*, que, segundo ouço dizer, deu lugar ao prêmio, são velhas criaturas vestidas de roupa nova” (HOLANDA, 1980, p. 4).

Em comentário sobre *Tentativas de Mitologia*, o escritor Affonso Romano de Sant’Anna teceu um comentário muito interessante para melhor apreensão do movimento que examino aqui. Romano de Sant’Anna fez notar que Buarque de Holanda esteve prestes a se entregar a um “necessário livro de memórias”, levando-se em consideração a alta posição conquistada pelo autor na esfera intelectual brasileira e a envergadura de sua obra, digna como tal de ser legada às gerações subsequentes. Buarque de Holanda era visto pelo escritor, pois, como ninguém menos que “um documento e um monumento de nossa cultura” (SANT’ANNA, 1979, [s.p.]). Não é por acaso, portanto, que o troféu se ache hoje em exposição sobre a mesa de trabalho que pertenceu ao historiador. Alocada na Unicamp a partir de 1986, a biblioteca de Buarque de Holanda procura reproduzir o ambiente de trabalho do historiador e, dessa forma, representa sem dúvida o suporte material mais evidente da conservação e difusão de sua memória.

Do discurso na solenidade de entrega do prêmio se deduz uma certa resignação de Buarque de Holanda diante do tempo que percebia se esvaír. Apenas um ano antes de vir a falecer, ele foi entrevistado pelo historiador Richard Graham, para a *Hispanical American Historical Review* (HAHR). Essa entrevista constitui outra peça fundamental a meio caminho entre a escrita de si e a construção social da memória de Buarque de Holanda. Um necessário aparte teórico, por assim dizer: Jeremy Popkin (2005, p. 68-73) e Leonor Arfuch (2010, p. 117) consideram a entrevista como legítimo veículo de expressão autobiográfica. O norteamericano compreende as entrevistas como uma espécie de resíduo autobiográfico, enquanto Arfuch lhe confere dignidade maior, ao entender que as novas configurações do espaço público, com os avanços da midiatização causaram forte impacto sobre as formas tradicionais de escrita autobiográfica.

A entrevista em questão ocupa espaço destacado na HAHR, em sessão dedicada aos “distintos historiadores das Américas”, o que denota seu caráter também de consagração e homenagem a Buarque de Holanda. Na ocasião, o historiador discorreu largamente sobre sua formação, trajetória, tomadas de posição, e se valeu da oportunidade para reforçar sua identidade como historiador.

Alguns elementos que se acham em seu arquivo pessoal informam o grande cuidado que teve com ela. É o caso de duas cartas enviadas pelo entrevistador, Richard Graham. A primeira trata da revisão do primeiro rascunho, após a transcrição. Sigamos os traços deixados por uma pista aparentemente insignificante. Para confecção da bibliografia do autor, Graham disse ter colhido informações da “Apresentação” de *Tentativas de Mitologia*. Também recorreu às “anotações de d. Maria Amélia”, esposa de Buarque de Holanda (Carta de Richard Graham, 1981). Ora, essas notas são um exemplar considerável da rememoração de si pelo historiador. A crer no depoimento da senhora Buarque de Holanda, ele lhe teria ditado de memória o essencial de sua trajetória, documento publicado posteriormente – em 2006, na edição comemorativa de setenta anos de *Raízes do Brasil* – sob título “Apontamentos para a cronologia de Sérgio”. Paradoxalmente, porém, Graham chegou a cogitar deixar de lado na notícia bibliográfica toda obra de crítica literária, em favor da afirmação da identidade historiadora.

A segunda carta oferece elementos mais concretos. Trata-se de uma resposta ao pedido de José Sebastião Witter, discípulo de Buarque de Holanda na Universidade de São Paulo, para tradução da entrevista, a sair nas Revistas *Ciência*

e *Cultura* e do *Arquivo do Estado*, instituição da qual era diretor. Witter exerceu um papel muito importante após o falecimento do historiador, de mediador entre a família Buarque de Holanda e a comunidade acadêmica. Vejamos as tratativas entre Richard Graham e José S. Witter sobre a tradução e publicação da entrevista, retransmitidas a Maria Amélia Buarque de Holanda. Não houve maiores dificuldades para a republicação do documento, dada a amizade entre todos os partícipes e a comoção com o recentíssimo falecimento do historiador.

“Ele, o nosso saudoso amigo Dr. Sérgio, então reveu [sic] a entrevista, já escrita em inglês, passando sobre todos os itens, tin-tin por tin-tin, como a D. Maria Amélia pode testemunhar. De modo que único modo de agir agora, é re-traduzi-lo ao português” (CARTA DE RICHARD GRAHAM, 1982).

Esta carta que autorizava a tradução – e confessava detalhes do cuidado de Buarque de Holanda para com a publicação da entrevista – foi enviada a Witter em maio de 1982. Em julho, o ex-aluno de Buarque de Holanda a remetia à viúva do historiador, com bilhete anexo: “Para a senhora dar uma olhada e emitir uma opinião. Segue a tradução da entrevista, a ser publicada na ‘Ciência e Cultura’, [...] e o meu artigo ‘Sérgio Buarque de Holanda’, para a mesma revista [...]. Também vai um álbum que é um presente dos funcionários do Arquivo para a senhora e sua família” (*Ibid.*). O editorial da revista do *Arquivo* torna transparente o caráter de homenagem e transmissão da memória que assumia a tradução.

“Esta entrevista [...] tem um significado especial para aqueles que se preocupam com a cultura no Brasil, por isso nos pareceu oportuna mais uma edição das ideias do historiador que nos deixou vasta obra e uma herança de sua sabedoria e da compreensão humana. Buscou-se com ela atingir um público diferente, [...] e assim veicular mais amplamente o pensamento do grande mestre” (WITTER, 1982, p. ??).

A original, na revista norte-americana, sobre a qual Buarque de Holanda tinha controle, saía com o historiador ainda em vida; a segunda, poucos meses após o seu decesso, já se apresentava como deferência ao seu legado. Não foi por descuido que esta segunda carta, de Graham a Witter, que seguiu com bilhete anexo à senhora Buarque de Holanda, no arquivo pessoal tenha sido catalogada entre os documentos da série “homenagens póstumas”.

A última pergunta de Graham endereçada a Buarque de Holanda na entrevista foi sobre o conselho que ele transmitiria aos historiadores mais jovens. Em resposta, o historiador confessa uma dificuldade em matéria de linguagem. Teve de aprender e se disciplinar a escrever *para os outros*. O esforço foi o de precisão, concisão e expressividade, mais que de beleza da escrita. Desse modo, cita de memória: “creio que foi Lucien Febvre quem disse que o perfeito historiador deve ser um grande escritor” (GRAHAM, 1982, p. 1182). Deixemos de lado as reflexões que esse comentário possa suscitar a propósito da questão coetânea da “escrita da história”, da qual Buarque de Holanda seguramente tinha conhecimento. O que mais importa por ora é que, como intuiu Benjamin, o conselho sugere a continuidade de sua história.

Os materiais por ora analisados oferecem, enfim, algumas passagens entre o historiador que se reconta a si mesmo e o processo mais amplo de estabilização da memória. À base desse processo estão as relações entre a rememoração e a comemoração (SILVA, 2000), evidentes na premiação como “intelectual do ano” de 1979, em razão de seu livro de caráter autobiográfico, tanto quanto na tradução da entrevista da HAHR. Claro que a compreensão mais acurada de um processo de tamanha complexidade exige esforço muito mais detalhado, da constituição do acervo (SILVA, 2015), por exemplo, às disputas e apropriações do autor como base de memórias disciplinares (VAINFAS, 2009).

O que se viu aqui não representa senão uma pequena, mas, quero crer, significativa amostragem do processo de estabilização de uma memória que, entre fluxos e refluxos, se espria em variadas direções sobre o tempo presente.

## REFERÊNCIAS

ARFUCH, Leonor. **El espacio biográfico**: Dilemas de la subjetividad contemporánea. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.

BENJAMIN, Walter. Le narrateur. Réflexions à propos de l'oeuvre de Nicolas Leskov. In: \_\_\_\_\_. **Écrits français**. Paris: Gallimard, 1991, pp. 264-298.

Carta de Richard Graham a Sérgio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro, 24 mai. 1981. [Siarq – Fundo SBH, Cp 353].

Carta de Richard Graham a José Sebastião Witter. Austin, 18 mai. 1982. [Siarq – Fundo SBH, Hp 4].

GRAHAM, Richard. An Interview with Sérgio Buarque de Holanda. *The Hispanic American Historical Review*, v. 62, n. 1, feb. 1982, p. 10.

HOLANDA, Maria Amélia Buarque de. Apontamentos para a cronologia de Sérgio. In: HOLANDA, S. B. *Raízes do Brasil*. **Edição comemorativa**: 70 anos. Org. Ricardo Benzaquen de Araújo e Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 421-446.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Tentativas de Mitologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

\_\_\_\_\_. Os dias de hoje lembram os de 45. **O Escritor**, São Paulo, v. 1, n. 4, p.4, jun./jul. 1980.

POPKIN, Jeremy. **History, historians & autobiography**. The University of Chicago Press, 2005.

RICŒUR, Paul. **La mémoire, l'histoire, l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Esclarecendo mitos**: Leia livros. São Paulo, mar. 1980, s/p. [Siarq – Fundo SBH, Pt 274].

SILVA, Helenice Rodrigues da. "Rememoração"/Comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, . 425-438, 2002.

SILVA, Rafael Pereira da. **A morte do homem cordial**: trajetória e memória na invenção de um personagem (Sérgio Buarque de Holanda, 1902-1982). Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, IFCH, 2015.

VAINFAS, Ronaldo. História cultural e historiografia brasileira. **História: Questões & Debates**, n. 50, p. 217-235, jan./jun. 2009.

WITTER, José Sebastião. Editorial. **Arquivo**: boletim histórico e informativo do Arquivo do Estado. v. 3, n. 3, jul./set. 1982.